

UM ESTUDO DO CENTRO DO RIO

Gabriela Reolon
Gabrielle Rosa
José Bernardo Morgan
Nathalia Passeri
Rafaela Gavinho*

RESUMO: Este artigo é produto de um trabalho de campo realizado no centro do Rio de Janeiro, no ano de 2019, com a participação de estudantes do ensino médio e professores de Geografia, Sociologia e História do Colégio Pedro II. Ele envolve as fotografias que fizemos durante a atividade e as nossas impressões e conclusões a partir do que foi discutido ao longo do trabalho e das aulas das três disciplinas. O texto é fragmentado, porque a cidade tem essa característica de reunir muitas coisas diferentes, de forma um tanto caótica; assim também foi o nosso passeio, durante o qual falamos sobre o passado e o presente da cidade do Rio de Janeiro, as contradições da vida urbana e os desafios que fazem parte da experiência da cidade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, estudos urbanos, trabalho de campo.

“O espaço é acumulação desigual de tempos”. Milton Santos (2002).

100

“Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está a tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas o vazio é terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo”. Clarice Lispector (1999).

Durante nosso trabalho de campo no Centro do Rio de Janeiro observamos fatos interessantes. A partir de tal experiência foi possível identificarmos diferenças marcantes entre várias partes do bairro, sendo elas políticas, históricas, arquitetônicas e sociais.

Pudemos constatar diversos momentos na história do Rio de Janeiro que tiveram o Centro da cidade como cenário, o qual foi sendo modificado junto com esses momentos até chegar a ser o que é nos dias de hoje.

* Estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Pedro II, campus Tijuca II.

No século XVII, a construção de um extenso muro ocorreu no que hoje é o Centro, separando a cidade do campo por conta das relações estremecidas entre os índios (no campo) e o povo da cidade.

Em 1700, o Rio deixou de ser só colonial, a cidade cresceu, necessitando que desviassem a água de Santa Teresa para abastecer o reservatório da Carioca, a água do local ia para os chafarizes da cidade, que tinham a função primária de proporcionar água de fácil acesso, não sendo apenas construções ornamentais, como muitos acreditam.



Imagem 2 - Chafariz da Praça XV, construído pelo Mestre Valentim em 1789. Foto tirada por Gabriela Reolon, 11/05/19.



Imagem 1- Área da Praça XV. Foto por Gabriela Reolon, 11/05/19.

Nessa época, a Praça XV era o principal ponto de desembarque de africanos escravizados na cidade. Esta área do Centro também é onde surgiram os cortiços, que além de moradia precária, eram também quilombos urbanos, onde a identidade negra prevalecia como resistência, influenciando até o protagonismo dos escravos no movimento abolicionista. Os quilombos urbanos serviam como esconderijo para escravos, ex-escravos e fugitivos.

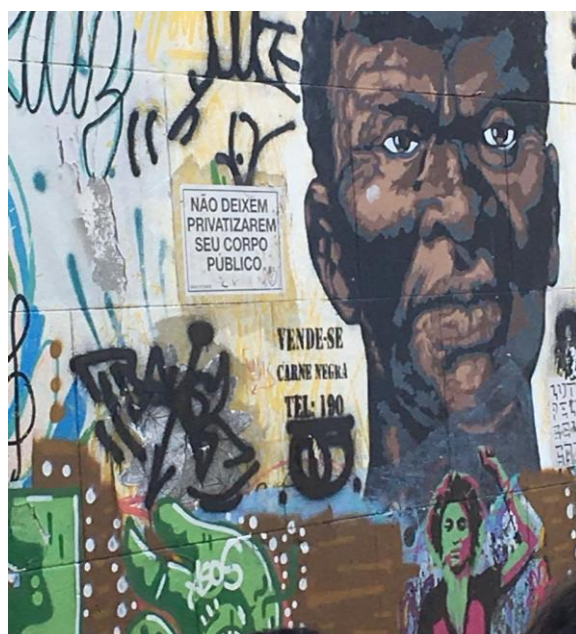


Imagem 3, 4 e 5 - Grafites nas paredes e muros de residências da Pedra do Sal. Fotos por Gabriela Reolon, 11/05/19.

No século XIX, mesmo depois da proibição do tráfico de escravos, um milhão de africanos ainda foram desembarcados no Rio. O Cais do Valongo (também no Centro da cidade) foi o lugar onde mais desembarcaram africanos escravizados no mundo entre os séculos XVI e XIX.

Na segunda metade do século XIX as ruas do Centro do Rio, antes estreitas, foram modificadas para largas avenidas, com intenção de facilitar a dispersão de multidões em caso de manifestações.

Durante o início do século XX, o Rio de Janeiro foi esperado como a vitrine do progresso, e deveria ser o modelo de cidade para toda a América Latina. Foi nesta época que construíram "prédios modernos".



(Edifício Joseph Gire, conhecido como A Noite, era local da Rádio Nacional, considerado um arranha-céu na época. Foi inaugurado em 1927, projetado por Joseph Gire e Elisário Bahiana. Foto por Gabrielle Rosa.)

No auge do governo militar, com o "milagre econômico", foram construídos vários prédios públicos no Centro e também a Catedral de São Sebastião, de arquitetura moderna, inspirada em naves do Projeto Apollo e seguindo o modelo de obras faraônicas justamente para sustentar a ideia de progresso do Centro do Rio, de ar futurístico.

Todas essas mudanças contribuíram para transformar o Centro no que ele é atualmente. É possível visualizar as constantes mudanças na sociedade a partir das observações e estudo do espaço. Um grande exemplo de mudança física do espaço foi o aterramento do Morro do Castelo em uma reforma urbanística em 1922. O Morro ocupava o espaço desde o buraco do Lume até a Biblioteca Nacional.

O Centro da cidade teve muitas de suas áreas destruídas e reformadas para que, então, se tornasse um centro de fato, sendo referência da modernidade e futuro, transformando o Rio de Janeiro, que já era uma metrópole, em uma cidade global. Entretanto, as áreas das cidades que não recebem tanta atenção estrangeira, ainda que sejam próximas de áreas que carreguem referências de modernidade, não recebem o devido cuidado e investimento do Estado, sendo deixadas sem infraestrutura de qualidade, como: saneamento básico, coleta de lixo, calçamento e serviços de luz e água.

Com a modernidade, os espaços públicos que antes eram utilizados como ponto de interação e socialização passam a ser espaços anêmicos, que refletem o investimento desigual por parte do governo em diferentes áreas da cidade, criando zonas marginalizadas que não são mais frequentadas como antes. Além disso, com o aumento do uso da tecnologia e a facilidade de acesso de informação e consumo, perde-se a necessidade de estar presente nos lugares, podendo fazer tudo o que é necessário em um smartphone na palma da mão. Um exemplo disso são as praças, que inicialmente foram construídas e projetadas para serem locais de encontro, mas se tornaram lugares de passagem, onde moradores de rua ocupam brevemente.

Com este trabalho conseguimos perceber que um espaço passa por muitos acontecimentos que refletem a realidade de cada época e do povo que interage com e no espaço. A cidade possui códigos que nem sempre são claros para nós, que necessitam de uma pesquisa mais profunda que apenas o olhar do senso comum. Por isso, um trabalho como este é tão importante: para conhecermos onde vivemos e também um pouco de quem nós somos.

Bibliografia

LISPECTOR, Clarice. Um sopro de vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2002.

Consultas Virtuais

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cais_do_Valongo. (Acesso em 27/06/2019).
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Praça_XV_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Praça_XV_(Rio_de_Janeiro)). (Acesso em 27/06/2019).
https://pt.wikipedia.org/wiki/Catedral_de_São_Sebastião_do_Rio_de_Janeiro. (Acesso em 27/06/2019).